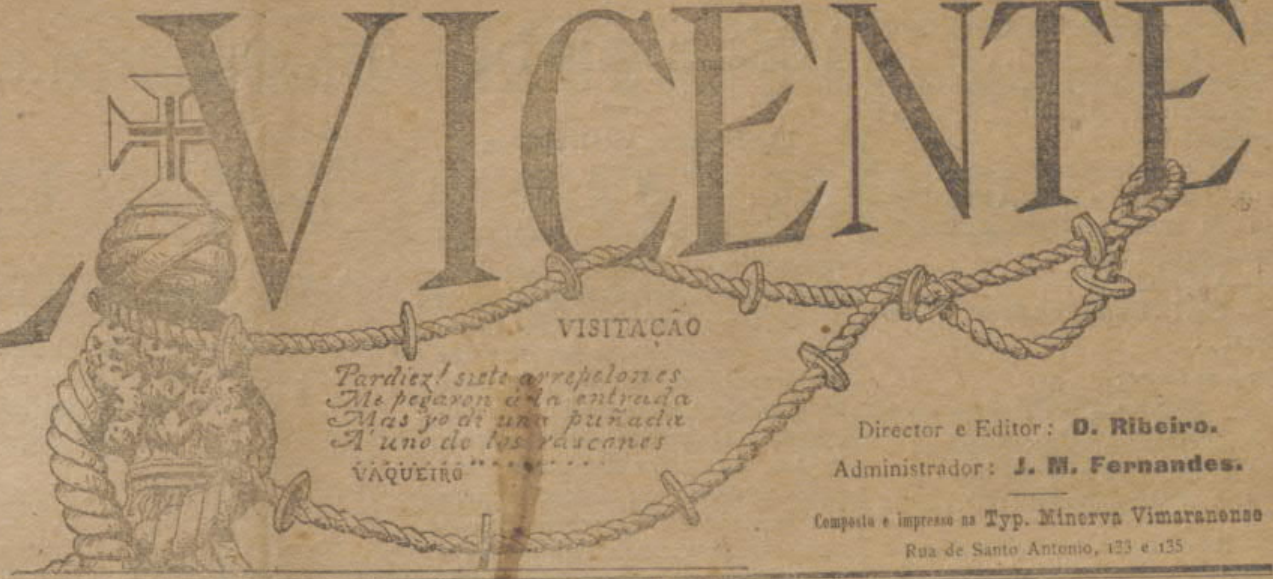




GIL VICENTE

Semanário Monarquico e Regionalista
(Litterario e Noticioso)
Propriedade da Imprensa "Gil Vicente",
Redacção e Administração:
LARGO DR. SIDONIO PAES, 99 E 100



VISITACAO

*Pardiez! suso arrevelon es
As pegaron a la entrada
Mas yo de una puñada
A uno de los rascanes
VAQUEIRO*

Director e Editor: **D. Ribeiro.**
Administrador: **J. M. Fernandes.**
Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesse
Rua de Santo Antonio, 123 e 125

O QUE NÓS PENSAMOS

Estamos, nós monarchicos, na opposição. Embora a causa que defendemos seja verdadeiramente nacional, o que é certo é que nem todos os portuguezes assim pensam. Provado está que a republica falio. Os seus homens, saíram-nos uns charlatões de feira. Os principios por eles apregoados uma mentira. A propria moralidade do regime coisa tam discutivel, como a honestidade do Pintor. Porem a republica tem a seu favor as baionetas, ou presume te-las. Tem interesses criados e por consequencia dedicacões no tacho. E' um regime que as potencias reconheceram quando era ministro o mantigueiro de Coura. Encontramo-nos portanto, perante um regime que para bem da nacionalidade precisamos de derrubar. O modo como teremos de o fazer, não nos cumpre a nós dizelo. Os acontecimentos é que ham de marcar a nossa conducta. Mas, em antes de dar o salto, que não será de tigre, (descendem os defensores do regime): preciso é fazer a propaganda dos nossos principios e a propaganda dos erros da republica.

Para isso é inadivavel a uniao nas nossas fileiras. Uma Causa que na opposição chega a scindir-se, é uma Causa abalada. Nós temos forças mais que suficientes para a consecucão da nossa aspiracão. Temos por nós a intelligencia. As boas vontades. A experiencia dos velhos. A esperanca dos novos. A mocidade, a admiravel mocidade das escolas. Lutemos porem, todos juntos. Não percamos tempo a combatermos mutuamente. Reservemos todos os nossos esforços para o combate á republica. Não dividamos as nossas forças, que elas sam-nos precisas para destruir o mal. E' preciso não darmos á republica a impressão de que entre os monarchicos ha as mesmas desintelligencias que entre os seus adeptos. Com a nossa desuniao, podemos retardar a Restauracão. E a continuar ela, quem sabe se teremos perdido para sempre a causa monarchica e com esta a salvacão do País. Tenhamos uno, tenhamos juizo. Quem escreve estas linhas concorda em absoluto com o programa integralista. Ha meses já que publicamente manifestou a sua adesão ao movimento nacionalista. Entendemos porem que a realisacão do programa se pode dar depois de restauradas as instituicões monarchicas. Nós podemos fazer a Monarquia sem Rei. O que não podemos é aclamar um Rei sem Monarquia. Trabalhemos todos, pois, para a Restauracão. Junte-mo-nos todos, integralistas e constitucionaes, para o combate á republica e deixemos a questão do rei para ser resolvida depois da restauracão monarchica. Não estejamos a dividir forças. Forças divididas, sam forças que se neutralizam. Façamos, e é esse o nosso dever, que elas actuem no mesmo sentido, para que a sua resultante seja a soma da intensidade de todas ellas, e não a sua differença. No primeiro caso a victoria será certa. Caso contrario não sabemos o que se dará! Sentimos uma magoa imensa, quando notamos a desorientacão que vai entre os monarchicos.

Vemos jovens, cheios de entusiasmo e ardor, postos de parte. Vemos dedicacões que não sam tidas na conta em que deviam ser tidas. E a Causa Nacional da Monarquia resente-se desta desarmonia. Colaboradoras ha de jornais monarchicos, como acontece com um tal senhor Cyrano que escreve no «Comercio de Guimarães» que passam o tempo a atacar os integralistas, com grande gaudio dos republicanos. Os integralistas, digam o que disserem, sam dignos da nossa admiracão e estima.

Foram eles que no meio do medo que atacou a maioria da Nação, apoz o desastre de 1919, levantaram o grito de guerra contra a republica. Sam valentes. Sam dedicados. Entre eles, encontra-se o que de melhor ha em caracater e em valencia. O seu orgão «a Monarquia» representa para nós o mesmo que o «Dia» em tempos que já lá vam. «A Monarquia» foi o acoute da republica apoz o 13 de fevereiro. O «Dia» depois dos desastre de 1912. Façamos pois a uniao. Trabalhemos todos juntos para a mesma aspiracão. Procuremos proclamar a Monarquia para que dias melhores se succedam á noite em que vivemos. Dos velhos venha a experiencia no que ela tiver de aproveitavel. Dos novos o entusiasmo que leva á victoria. Com a experiencia e com o entusiasmo nós poderemos num futuro proximo gritar como os homens doutros tempos: «Viva a Monarquia!»

mente vigora em o nosso paiz, porque a considero um regime de morte e de ruina. Ha dez anos que ele começou e a vida de Portugal tem sido uma cavalgada doida para o abismo.

Que havia de bom na nossa terra que a republica não destruisse ou pelo menos não atacasse para mal? A religião de nossos paiz, foi chasqueada por essa figura sinistra de carnifice que ao fazer afirmacões tôlas se não lembrou que 20 seculos de luctas só tem engrandecido a Igreja. A propriedade individual foi tambem negada, embora veladamen-

te, não sabendo o acoitepeão ridiculo que a sua assercão já havia sido feita por Leon Duguit, numa Conferencia em Buenos Ayres e foi retumbantemente refutada. Destruiu a familia dinamitando-a com a lei fmoalissima do divorcio. Anarquizou as classes operarias com leis cuja finalidade ao fazê-las, nem sabia. Pregou a desobediencia a superiores legitimos e o resultado é a anarquia que lavra em todas as camadas sociais. Ensinou a delacão no exercito, a principio. Estendeu-a depois a outras classes de funcionarios, para que os accusados deixassem logar ás varias especies de revolucionarios civis. Fabricou bombas para destruir a Monarquia, ensinou-as depois a fazer para se defender, fazendo com isso da nossa terra um arsenal de bombas.

A republica acrescentou ao povo portuguez mais uma qualidade — a de bombista. Demitiu funcionarios distinctissimos collocando em sua substitucão outros que se não recomendavam nem pela competencia nem pela moralidade. Isto é afirmado por Lucio d'Azevedo, antigo ministro disso que para si sempre gostou a farta e toamente e o resultado é o deficit pavoroso que atirará connosco irremediavelmente ao chão. Creou lugares cuja utilidade de ninguem ainda descobriu, e anichou neles cavalheiros que na lavoura ou em qualquer arte seriam uteis e que si não passavam de autenticos sanguerugas. Até no liceu onde muitos de vós estudam, a republica fez das suas. Prometeu o bacalhau a pataco e ele está a 20500 reis. As casas de graça, e elas nem por dinheiro aparecem. Os competentes nos lugares de seriedade e responsabilidade e mandou para lá os incompetentes.

Tudo isto a republica tem feito. Porisso eu a odeio. E comigo estão todos os que ainda tem amor ao seu paiz. A republica lisboeta está mesmo fora do nosso tempo e da nossa civilisacão. Sabeis alguma coisa da revolução francesa? Se souberdes, como creio, vereis que o que em Franca se passou pelos fins do seculo XVIII, se está passando entre nós. Ora os tempos em que vivemos são do seculo XX. Duzeentos anos de differença na marcha do tempo é muito. Quando em todas as nações, se pôs de parte a rua, em Portugal obedecem-lhe.

Que esperais vós, meus amigos, da republica? Entendo que nada. Nós precisamos de com todas as forças da nossa alma, atacá-la em todos os campos. Declaremos guerra á demagogia. Procuremos ser homens do nosso tempo. Entremos na corrente anti-revolucionaria que é enorme em todas as nações cultas. Desprezemos os meneurs, ponhamos de quarentena esses cavalheiros que nos pregam as excelencias do regime porque este lhes sacia a fome.

Rapazes da minha geracão, vinde comigo para a Monarquia, deixai a republica, se é que ainda algum de vós crê na sua eficacia para resolver o problema portuguez, e todos juntos trabalhemos

para que o dia de amanhã seja bem diferente do de hoje.

AFONSO DE SERPA.

Dr. Eduardo d'Almeida



Mais um título de glória coube á nossa querida Guimarães com a assignacão do nosso illustre conterraneo, sr. dr. Eduardo de Almeida, para sócio-correspondente da Academia de Sciencias de Portugal.

Sua Ex.^a está bem, na Academia, porque é um escritor de rendilhados dotes de talento fino e delicado, comprovados nos seus belos livros dum perfumado primor intelectual que o honram e o enfiçecem sem favor. Os proponentes da escolha do seu nome honraram sobremaneira a primeira colectividade scientifica do paiz.

Orgulhamo-nos, pois, com a nomiacão do sr. dr. Eduardo de Almeida para a Academia de Sciencias porque S. Ex.^a sabe que a sua e a nossa Terra se regosija altivamente pois é mais uma corôa de louros a engrinaldar a fronte da vetusta Vimaranes á qual S. Ex.^a muito quere, muito por ela tem trabalhado e continua trabalhando e desejando vê-la engrandecer e prosperar.

O sr. dr. Eduardo de Almeida, formoso caracater e alma acrisolada de affectos, é tambem um orador distinctissimo, de palavra empolgante—agora arrebatadora como a violencia dos combates, logo cadente e tranquila como o baloiçar leve das ondas azuladas que o luar mergulha nos seus raios de cristal, tam de cristal como o verbo subtil das suas orações brilhantes....

Guimarães deve-lhe gratidão porque, quando por ele chama, S. Ex.^a aparece sempre a defendê-la nos seus legitimos interesses.

Quem estas linhas escreve, não está no direito de o apreciar; mas o seu nome é demais conhecido no paiz quer como politico e parlamentarista, quer como escritor e orador no foro e na tribuna.

O Gil Vicente, felicitando a cidade de Guimarães e a Academia de Sciencias de Portugal, publica o seu retrato em logar de honra, pedindo á sua modestia que lhe perdõe, enviando-lhe ao mesmo tempo as suas sinceras manifestacões dum bem justo orgulho.

CANTA! RAPARIGUES!... CANTA!...

Na quinta-feira, no dia de S. Simão e dos magustos, um pouco depois do lusco-fusco, um pouco inglez e intelligente antiquario, que veio a esta cidade afim de adquirir uns certos e valiosos objectos antigos, passando, por acaso, alli na Estrada de Fafe e rua de Serpa Pinto, teve com um amigo nosso, que de quando em vez rabisca cá para o periodico, o seguinte dialogo:

— Su terra ser muita bonite; ser muita industrial; ser terre de bom pova delicada e trabalhadora, mas na minha terre non consentire un coize d'estas... Na minha terre mictorris ser muita mais pequenas...

— Perdão, sr. Bull; vocelencia confunde... vocelencia está equivoçada.

— Estor equivocada eu?... Non ser mictorris?... Então que ser?!

— Ser para os transformadores da energia electrica.

— «E parra qué?»

— Para fornecer energia diurna.

— Para fornecera inergie diurna? «E parra qué?»

— Isso agora...

— E quem ser que auctorisare semelhante porcarrie?

— Foi a Camara, sr. Bull.

— Camarre?!... «E parra qué?»

— Para fazer bichinha gata, para fazer boquinha doce ao sr. concessionario da luz electrica.

— Parra fazerre boquinhe doce, a quem? A quem dizerre você?

— Digue... digue... non ter vergonhe... non ter receia de pessoa de mim... pessoa de mim ser de segreda, de muita segreda...

— Ao sr. Jordão.

— Ao senhorre Jordone! Pessoa de mim conhecerre muita bem mister Jordone. Ser un pessoa muita activa, intelligente, muita emprehendorra, ser pessoa muita finorria, gostarre muita ganharre muita diadeira, muita força de arrama, mas ser creature de muita pouque goste, muita pouque goste!...

Parra aransformarre energie, non fazer precisa un coisa tão grranda, tão comprida, do tamanha d'um pinheirra!...

— Lá isso é verdade, sr. Bull.

— Su Camarra andar muita mala consentirre un coize tão monstre, tão anti-esteticque!...

Andar pessimamenta!...

— E vocelencia que quer?!...

Ninguem tem como ele umas palavrinhas tão doces... tão ternas... tão meigas... Faz sempre o que quer com todas as Camaras. Nenhuma lhe nega amor!...

— «E parra qué?»

— Para ficarem a chuchar no dedo.

— A chuchar no dedo? a ver navias? Ter percebida, non precisarre porre mais na carte; ter comprehendida...

Mister Jordone ter pouca cabella, mas ser creature muita fi-

Cartas aos novos

II

Quem vos escreve é um novo tambem. O dia a republica porque esta é a negação de tudo quanto é portuguez. E a nossa geracão é essencialmente nacionalista. E' uma geracão de ideias positivas. Sabe o que quere. Aborrece o materialismo daquella outra que fez a republica. Não julgueis porem que eu escrevo contra a republica, pelo simples prazer de atacar o regime que de facto nos rege. Não. Sou contra a forma de governo que actual-

ne, ter o ólha muita aberta, muita arregalada!

Estar rica como um brazileira! Escuta... escuta... que ser aquilla?

—São raparigas a cantar.
—Raparigas?... Oh! Pessoa de mim gostare muita de raparigas!...

—Agora?!...
—Yes! Deixa ouvirre... escuta...

Vozes ao longe:

As pombinhas da Catrina, Andaram de mão em mão; Vieram ter a Guimarães Aos casôtos do Jordão!...

—Raparigues ter muita grace e cantarre muita bonita!...

Escuta... deixa ouvirre... deixa ouvirre... faz silencio... non dar pia!...

Vozes:

Jordão, amigo Jordão, Põe de parte tal ideia; Casôtos são indecentes, Casôtos são coisa feia!...

—Casôtas ser coise feia!...

Ter muita grace!... Raparigues de Guimarães cantarre muita bonita e ter muita razão no seu cantarre!

Que linda gorgeira!... Que mima!...

Oh! Pessoa de mim gostare muita mais de raparigues do que de mister Jordone! Muita mais!... Muita! muita!

Mister Jordone! Attendei o doça, o terna, o supplicanta cantarre das raparigues!

Attendei! attendei!

Gil.

REPAROS...

O "Campeão,"

Que nos dizem de mestre Afonso? Na Conferencia de Bruxelas, elevou-se a Campeão de Europa. Afonso é um valente. Puchou pela péra, gaguejou um pouco, tirou o lenço do bolso para alimpar o suor, sobju á tribuna e os representantes de todas as nações contempñam então um espectáculo nunca visto. Afonso atira-se aos alemães. Não de frente que o covarde não encara ninguém. Morde e coveira sempre pela calada. E' chamado á ordem. Afonso obedece. O riso começa. E então o Ligorio, descreve em pouca palavras a situação terrível do paiz, sobretudo na questão financeira, mas fá-lo a rir. Come-nos todas as economias com a sua dinastia e por cima ainda se ri de nós. E... o quê? Ora o que ha de ser O Campeão. Mestre Afonso: quando vem o bacalhau a pataco? Quando acabas com a religião catolica? O Campeão da Europa é o Ligorio de Ceia. Hurrah pelo Campeão!

Uma vaga

No Liceu Central desta cidade ha pelo falecimento do Conego José Maria Gomes, que foi professor do segundo grupo, uma vaga de professor. Ora o Conego Gomes, morreu em 13 de agosto, salvo erro. O senhor reitor do Liceu participou o caso ás estações competentes para o fim da abertura de concurso no «Diario do Governo». Até hoje e já lá vam dois meses e meio, ainda não vimos nada no «Diario».

Andará alguém com pretensões a uma interinidade a impedir o concurso? Não o sabemos. O que nos causa asco e nojo é que haja alguém que queira, servindo-se duma politica vesga e torpe (se é que alguém quere impedir) pôr-se na frente de homens que se dedicaram ao professorado, gastaram o seu dinheiro, consumiram o seu cerebro e no fim não possam colocar-se porque outros sem habilidade para nada quere ser mestres.

A grandesa dos povos pela Tradição

Defeitos políticos

I

A sociedade anarquizada pelo espirito revolucionario que cerebros obcecados pelos principios chamados democraticos lhe inspiraram, jámais pode ser perfeita porque lhe falta um dos principais factores necessario ao bom funcionamento da familia—a disciplina.

Ora, o espirito anárquico, portanto sinónimo de desordem, não é, não pode ser e jamais será elemento de força bastante para regular e levar a bom fim o individuo pois é o primeiro a proclamar aos quatro ventos a liberdade do homem sem primeiro lhe ensinar a ter obediencia e respeito pelas autoridades, instituidas para premiar os justos e castigar os criminosos—liberdade proclamada tam barata e prometida como um direito para amanhã servir maravilhosamente como força para esmagar o homem contra o homem e, em nome de principios tam antinaturais e anti-humanos—maceitaveis porisso mesmo—, assassinar impunemente sem ter que dar contas a ninguém dos seus actos... Basta que tenha um capricho a cumprir ou um desejo a satisfazer! Positivamente, a Anarquia é, porisso mesmo, um regime de força arbitraria, sem leis que o regulem nem constituição politica (?) capaz de o recomendar postoque seja, para os cegos e para os mais incautos, a primeira grandeza da perfeição humana a qual «perfeição» nós estamos assistindo á sua queda no antigo império moscomorita pois lhe faltam a instabilidade da ordem e o respeito pela disciplina.

Os povos não só carecem de pão como precisam tambem e principalmente de instrução moral e intellectual que os torne tam aproximados de DEUS quanto seja necessario para que dessa aproximação espirital eles se confessem verdadeiramente irmãos, se correspondam pela intelligencia pelo sentimento humano e ainda pelo da vontade nacionalista defendendo as suas nações com amor e fé, quando lhes surja qualquer estranho a querer usurpá-las como aconteceu entre nós, em 1580, com a usurpação rapace dos Filipes de Espanha... que só terminou em 1640 pela conspiração patriótica dos quarenta fidalgos portugueses tendo a aplaudi-los e a auxiliá-los a plebe nacional na sua generosa e heroica vontade de ver livre a Pátria escravizada por um estrangeiro.

Conhecemos, um pouco, o espirito moderno dos homens do nosso tempo: nem porisso os louvamos ou sequer os imitaremos nas suas arremetidas e sanguinolentas lutas revolucionarias sabendo nós, de sobra, os lances perigosos a que estão submetidos quando é certo fallar-lhes a unanmidade colectiva das forças conservadora e tradicionalista, que constitue hoje o esteio forte como uma rocha das nacionalidades, pelo espirito corrente do bolschevismo ameacadas. O bolschevismo, levantado adiante de si tudo o que é bom e o que é proveitoso, nas suas horas de triunfo, deixa tudo e todos submergidos num mar de sangue perdido tam inutilmente, mas que aos seus partidários tanto lhes apraz ver correr em ondas alagando o terra inteira. E, por os conhecermos, é o bastante para afastarmos nos tanto quanto possível deles e dos seus principios por os julgarmos próprios de criaturas doidas para não dizermos irracionais, incapazes de servirem á humanidade da qual se proclamam acérvimos defensores.—MANUEL DE AZUREM.

(CONTINUA).

Um centenario!...

O quê?!... O que é que os senhores estão para ahí a dizer?!... O primeiro centenario?!... Ora essa!

Quem foi que lhes impingiu tal patranha, ou aonde foi que os distintos academicos foram descobrir que em 1920 faz um seculo que as tradicionaes festas tiveram começo?

Um seculo?!... Sabe-se lá, meninos!... Quem estas linhas escreve, tem em seu poder, carinhosamente guardado, um offarrabio, pelo qual se prova, que as interessantes festas em honra do Santo padroeiro dos estudantes de Guimarães, veem de muito mais longe... de muito mais antiga data...

Tem-o aqui, o velho calhamaço, aqui muito guardadinho e todo envolto em algodão em rama; aqui a fallar como gente; aqui a fallar como um velho magistrado ou como um sabio doutor de capello!...

O primeiro centenario!... E se nós lhe dissermos que os sscholasticos folguedos teem mais de trezentos annos?!...

Não acreditam? Acabou-se...

Mas, retrocedendo, tornando a tornar, aonde foi que os snrs. academicos foram fazer tal descoberta?

Se forem capazes de no-lo provar á evidencia que foi realmente em 1820 que as sympathicas e sempre almejadas festas tiveram principio, desde já lhes pedimos licença para offerecer a musica... os archotes... os foguetes e até a tradicional e saborosa «agua d'antão» no fim das novenas de Nossa Senhora da Conceição.

O primeiro centenario!... Tem graça!... Tem mesmo muita graça!...

A mocidade, ás vezes, é duma ingenuidade pasmosa. Rapazes... gente moça afinal!...

O primeiro centenario!...

Valha-vos Deus, rapazes! Façam a Festa; mas façam-na de forma a não merecer a mais leve censura e ponham de parte a falsa ideia do centenario.

Depois... os centenarios passaram á Historia!... Pertencem ao passado, aos bellos e sempre saudosos tempos d'out'ora!...

Fest-jem o S. Nicolau que terão o nosso sincero e entusiastico applauso e, juramo-lo se tanto for preciso, o melhor acolhimento por parte de todos os vimezanenses amantes da tradição e que pela vossa Festa teem mostrado o mais encendrado affecto esportulando-se sempre bizarra e generosamente.

E quem haverá que, tendo nascido aqui; aqui onde as florinhas rizejam ao rutilante sol da Primavera; aqui onde os piscos trinaem suavissimas canções; aqui onde os snrs. sapatitos nos levam quinze e vinte mil reis pelo feitiço d'um modesto par de botas; aqui onde as da ramalhuda e as escochadas custam a pataco cada uma; aqui... etc, etc, não sinta pulsar o coração de alegre e contente ao presenciarem os interessantes e inoffensivos folguedos da nossa briosa Academia?!

Quem haverá que, tendo tomado parte na sympathica Festa Nicolina e ao ouvir os primeiros rufos da classica zabumbada, possa occultar uma lagrima saudosa e não sinta logo cá dentro o coração a rabejar, aos pulos, a dançar o maxixe, a fazer tic-tac-tic-tac e um enorme desejo de pegar tambem n'uma bojudá maçaneta?

Sim, quem haverá por ahí, tornamos a repetir, que não sinta no fundo, no intimo, no amago do peito um doce prazer... uma alegria louca ao recordar tempos venturosos, tempos de phantasias, de illusões e de chimeras; os bellos tempos, embora já tão distan-

tes, d'uma mocidade alegre, serena, despreocupada e feliz?!...

Mes basta de sermão e de fazer puchar á lagrima.

Haja risos, que o riso abafa os ais.

Façam, pois, a linda Festa, sympathicos e illustres filhos de Minerva, mas façam-na de maneira:

«Que as pelles rufem bem, berrem com bizzaria, Retumbando no espaço um eco d'alegria!»

E o dito, dito.

D. Vergilio Maronis.



Os homens

Afinal os homens são uns animaes bem singulares!

Tanto dizem estudar a mulher, e tão pouco nos conhecem!

Tantos livros publicam de analyse, apaixonada critica ao temperamento da mulher, e não sabem dizer senão banalidades!

Tantos artigos laudatorios ou de repado ataque, e afinal... cada vez nos conhecem menos...

Porque digam embora o que disserem os homens, e aqui estou eu a ver o meu primo Ruy de Lancastre a sorrir-se) nós não precisamos delles para nada: podemos-os dispensar! Ao passo que sem nós, sem as travessuras dos nossos olhos, sem os nossos carinhos, sem as nossas mesmas mimalhices e caprichos, elles não poderão viver.

Debater-se-hão no vacuo!

E' ver como elles nos seguem: é ver como, numa perseguição continua, constante, infatigavel, elles nos não deixam repousar um momento; é ver como na nossa presença, deante da sentença que dos nossos labios poderá sair,—um sim misericordioso, ou um não de cynico desdém,—elles são infantis nas suas fallas, banaes nas suas expressões, tacanhos no gesto, ridiculos na sua tintidez.

E ainda nós não sabemos disfructá-los bem... porque se ooubessemos, não precisaríamos de maior, de mais hilaritante passatempo. Os homens são tolos.

Pois se os ha, que por uma negativa nossa, por uma quebra ou ruptura de relações da nossa parte, por um pouco de tédio da nossa parte, se matam e se perdem para sempre!

Mesmo aquelles que dizem desdenhar-nos, aquelles pessimistas fingidos que affirmam ser a mulher um demónio e tudo o que lhes vem d' cabeça, mesmo esses, intimamente reconhecem que nós somos infinitamente aliciosos, o unico, o grande encanto da terra!

O que nosso falta, não é o coração, é o nosso desdém para com elles, a nenhuma importancia que ás vezes lhes ligamos: é o amor proprio ferido, bem fundamente ferido, é o despeito, o cruel despeito, a fallar, a gritar bem alto!

Passarem sem nós, os homens! São loucos!

Se elles nasceram para andarem, continuamente, atraz de nós!

MARIA DE LOURDES.

Anniversarios

Durante esta semana fazem anos as Ex.^{mas} Snr.^{as}:

- Dia 1—D. Augusta Jorge.
- » —D. Maria do Carmo de Mello Breiner.
- » 7—D. Olimpia Coelho Trepa.

E os Snrs.:

- Dia 6—Luiz Trepa d'Oliveira Ramos.
- » 7—Dr. José Ricardo de Freitas Ribeiro.

Partidas e Chegadas

Para Fertil de Basto, partiu com demora de alguns dias, o nosso intimo amigo, Sr. Eduardo Queiroz de Sousa Passos.

De Gouveia regressou a esta cidade, com sua ex.^{ma} esposa, o Sr. Manoel Bernardo Alves, proprietario desta cidade.

Transferencia

A seu pedido, foi transferido da comarca de Santo Thyrso para a de Guimarães, o Juiz de Direito, Sr. dr. Amadeu Gonçalves Guimarães.

Conego José Maria Gomes

Durante a suspensão forçada do nosso jornal, finou-se este illustre professor. Vimo lo desapparecer e tivemos pena de não podermos prestar-lhe nestas columnas a homenagem merecida. Tinhamos pelo homem illustre uma grande admiração. Era um professor abalisado. Um grande homem de bem. Uma alma de eleição.

Morreu. Com ele acabou uma das maiores individualidades da nossa terra. Foi republicano. A' republica quiz muito. Mas ultimamente, sentia a sua fé abalada. A republica traira a sua missão. E o Conego José Maria descrevera dela. E' que ele, contrariamente á maior parte dos republicanos, pensava. Via que a republica prometera a abundancia e dera a fome. Falara de moralidade e dera a pouca vergonha. Acusara a Monarquia e não provava os pretensos crimes. Dizia vir para bem da patria, e favorecera as quadrilhas. Falara contra a dinastia de Bragança, e creara a dinastia dos engratados de Ceia. Prometera acabar com as despesas superfluas, e creara empregos a torto e a direito. E em vez de colocar nos logares onde se exigia competencia, os capazes, mandava para lá autenticas nulidades.

E porisso o Conego Gomes não sentia entusiasmo pela republica. Ele sonhara uma republica de homens grandes. E ela apresentara-se-lhe de pigmeus. Ele viu que a José Luciano, a Hintze Ribeiro, a João Franco e tantos outros a republica opusera o dr. Domingos Pereira, o Palhaço, o Hipopotamo e o «grande scelerado» no dizer de Cunha e Costa.

Se o grande professor não deixou de ser republicano é que estava numa idade em que se não muda de ideias facilmente. Morreu republicano e nós monarchicos publicamente lhe prestamos homenagem. E ele que conseguiu que o nosso liceu fosse elevado a Central, bem merece que o illustrado corpo docente deste estabelecimento de ensino lhe colloque o retrato numa das salas da casa onde ele ensinou durante tantos anos, retrato que ás gerações que vierem, ateste a existencia do homem admiravel, do professor insigne e do republicano sem mancha que foi o Conego José Maria Gomes.



Por Guimarães

Missa

A familia do falecido José Pinto da Rocha manda celebrar na quarta-feira, ás 9 horas, no templo da Misericordia, uma missa sufragando a alma do saudoso extincto.

No final da missa serão distribuidas esmolas a 80 pobres que assistirem ao piedoso acto.

Pedido de casamento

Pelo snr. José dos Reis Teixeira, sócio da casa comercial Bento Santos Costa & C.^a, foi ultimamente pedida em casamento para o nosso presado amigo, snr. Antonio de Sousa Guise, sócio da firma Jordão, Guise & C.^a, Lim., a Ex.^{ma} Snr.^a D. Rosa da Luz Mendes Guimarães, filha do bem-quisto industrial desta cidade, snr. Joaquim Luciano Guimarães.

Aos noivos antecipadamente enviamos os nossos parabens, desejando-lhes muitas felicidades.

Banco Luso-Hespanhol

OPERAÇÕES DE CREDITO, PREDIAES E CONSTRUCTORAS

S. A. R. L. (em organização)

Capital inicial—Dez milhões de escudos

Acções liberadas de 20\$00

Construcção de casas destinadas aos accionistas para serem pagas em prestações mensaes

ENCERRAMENTO DA SUBSCRIÇÃO

Encerrando-se a subscrição **impreterivelmente no dia 20 de novembro**, avisam-se os snrs. accionistas, agentes e correspondentes, de que até áquella data deverão remeter para a séde do Banco, ou para a Filial do PORTO, as listas da subscrição.

As listas recebidas depois de **20 de novembro**, ficam sujeitas ao rateio.

A inscrição continua aberta, até **20 DE NOVEMBRO**, nos principaes Bancos e casas bancarias do paiz e na Séde: Lisboa—Travessa do Corpo Santo, n.º 29-1.º—Filial: Porto—R. Sá da Bandeira, n.º 169-1.º

EM GUIMARÃES — HOTEL DO TOURAL

Dia de Finados

Passa amanhã o dia 1.º de Novembro, dia de lucto e de saudade.

Na forma dos annos anteriores, o cemiterio de Athouguia encontrar-se-ha aberto ao publico, vendendo-se sobre as campas e nos jazigos, innumerables flores e luzes, que em homenagem de sentimento pelos saudosos finados, ali costumam ser collocadas.

Para aquelles a quem a morte inexoravelmente roubou o convívio de qualquer ente querido, o dia de Finados, é um dia de recordações tristes, de lagrimas e de saudades.

Res nossos leitores

Recomendamos aos seus queridos bemfeitores a inteligente menina Olinda Santos, que, com a morte de seu extremo pai—o 1.º sargento-musico Santos—ficou privada de recursos monetários para concluir os seus estudos na Escola Normal de Braga, que fundam no ano lectivo de 1920-1921.

Qualquer donativo que nos seja enviado será entregue áquella futura professora, bem digna do auxilio das almas bem formadas.

ANUNCIO

(2.ª Publicação)

Sociedade por quotas que entre si fazem João de Araujo, Virgilio Machado Leite e Guilhermino Augusto Barreira, todos desta cidade, em catorze de Julho de mil novecentos e vinte.

No ano de mil novecentos e vinte, aos catorze dias do mês de Julho, em Guimarães e meu cartório na rua de Francisco Agra, perante mim o notário da comarca Bacharel António José da Silva Basto Júnior e as testemunhas idóneas adiante nomeadas e no fim assinadas, compareceram: como primeiro outorgante, João de Araujo, morador na Avenida Miguel Bombarda; como segun-

do outorgante, Virgilio Machado Leite, morador na rua Cinco de Outubro; e como terceiro outorgante, Guilhermino Augusto Barreira, morador na Praça de Dom Afonso Henriques: todos três solteiros, de maior idade, negociantes, desta cidade e pessoas cuja identidade reconheço. E por êles foi dito: Que, pela presente escritura, constituem entre si uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro—A sociedade adopta a firma **Araujo, Leite & Barreira, Limitada**, da qual indistintamente todos os sócios podem usar, mas nunca em negócios extranhos á sociedade.

Segundo—O seu objecto é a exploração de calçado, cutelarias, pentes, ferragens e qualquer outro artigo que se resolva explorar.

Terceiro—A sociedade tem a sua séde nesta cidade e o seu escritório na rua de Sam Dámaso, números onze, treze e quinze, ao rez-do-chão, primeiro andar, podendo, de futuro, estabelecer sucursais em qualquer parte que julgar conveniente.

Quarto—A sua duração é por tempo indeterminado e para todos os efeitos o seu começo se contará desde o dia catorze de Junho do corrente ano.

Quinto—O capital social é de vinte e quatro contos em dinheiro, representado e dividido em três quotas, sendo de doze contos a quota subscrita pelo sócio Guilhermino Augusto Barreira,

e de seis contos as quotas subscritas por cada um dos sócios João de Araujo e Virgilio Machado Leite, as quais já se acham integralmente pagas, o que expressamente se declara para todos os efeitos legais.

Sexto—A gerência de todos os negócios da sociedade será exercida pelos sócios João de Araujo e Virgilio Machado Leite, que ficam dispensados de caução.

Sétimo—A sociedade será representada em Juizo e fora d'êle, activa e passivamente por qualquer dos sócios.

Oitavo—Na vigência desta sociedade nenhum dos sócios poderá entrar em negócios que digam respeito á exploração de calçado, cutelarias, pentes e ferragens e que directa ou indirectamente possam afectar os negócios da sociedade.

Nôno—Os balanços fechar-se-hão em trinta e um de Dezembro de cada ano.

Décimo—Dos lucros liquidados apurados em cada balanço, separar-se-há primeiro a percentagem de dez por cento para fundo de reserva, enquanto este não se achar completo e sempre que fôr preciso reintegrá-lo, e o remanescente será dividido pelos sócios na proporção de vinte e quatro por cento para o sócio Guilhermino Augusto Barreira e trinta e oito por cento para cada um dos outros sócios.

Décimo primeiro—Os prejuizos, se os houver, serão suportados por todos os sócios na proporção que fica estabelecida para a divisão dos lucros.

Décimo segundo—Para os seus gastos pes-

soais e por conta da sua quota de lucros, poderão os sócios receber mensalmente da caixa a quantia de cem escudos cada um.

Décimo terceiro—A cessão de quotas a extranhos fica dependente do consentimento da sociedade.

Décimo quarto—Pela morte ou interdição de qualquer dos sócios será a quota respectiva adjudicada aos sócios sobreviventes ou capazes, de quem os herdeiros do morto ou representantes do interdito receberão a sua importância, bem como a da sua participação no fundo de reserva e os lucros que lhe couber respeitantes ao tempo decorrido, desde a data do último balanço.

Parágrafo único—O pagamento respectivo será efectuado no prazo de um ano a contar da data do falecimento ou interdição, com o vencimento do juro na razão de seis por cento ao ano.

Décimo quinto—Haverá, nos termos da lei, um livro de actas, que constatará todas as deliberações tomadas pelos sócios.

Décimo sexto—A saída de qualquer dos sócios não poderá, em caso algum, impedir o andamento dos negócios sociais e a laboração dos estabelecimentos da sociedade.

Décimo sétimo—Em todos os casos omissos regularão as disposições da lei de onze de Abril de mil novecentos e um e mais legislação applicavel.

Assim o outorgaram e reciprocamente aceitaram, do que dou fé. O selo devido na importância de trinta e sete escudos e cinquenta centavos,

será no fim pago por es tampilhas fiscaes. Foram testemunhas presentes Fernando Augusto Machado, solteiro, maior, escrevente, da rua de Arcela, desta cidade e Francisco Ferreira, viuvo, proprietário, desta rua, os quais esta escritura assinam com os outorgantes e comigo notário, depois de ser por mim lida em voz alta na presença de todos.

João de Araujo—Virgilio Machado Leite—Guilhermino Augusto Barreira—Fernando Augusto Machado—Francisco Ferreira.

O notário,

António José da Silva Basto Júnior.

Sombrinhas em cor

Artigo (chic)

Guarda-soes em cor para homem

Vendem-se na fabrica da guarda-soes e chapéus junto ás escadarias.—Em S. Francisco.

Vende-se

A propriedade de Villa Verde, sita na mesma rua, composta de 13 casas sobradadas, 12 terreas, barracões para cortumes e quintaes com ramadas de ferro.

Pretendendo, dirijam-se a Roberto Victor Germano, Successores.

GRAMOFONE

Com 60 musicas Odeon e Paté Freres, dois diafragmas, vende-se barato.

Informa a «Farmacia Central» — Caldas das Taipas.

